

# Radiografia da favela

Quem vê uma favela de fora, de longe, com relance, através do vidro de seu automóvel, apreende a favela como uma coisa, um acidente geográfico, uma praga qualquer que se foi alastrando pela lomada do morro e lhe foi comendo o revestimento vegetal. A idéia que lhe ocorre é que é preciso raspar aquilo. Quem pára um pouco mais perto, e contempla com menos pressa a favela, começa a descobrir que por entre aquele amontoado de barracos, suspensos nas encostas, desafiando todas as leis da engenharia, através dos meandros de lama esverdeada, circulam seres humanos: homens e mulheres, velhos e crianças, brancos, pretos e pardos. A favela deixa de ser coisa, acidente geográfico, para ser uma realidade viva, um fato social. E pela primeira vez lhe ocorre uma pergunta humana sobre a favela: de que vive esta gente? como vive esta gente? que é que esta gente pensa, que é que ela deseja? Um grupo de estudantes, rapazes e moças da Escola de Sociologia e Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sob a orientação de um professor, JOSÉ GOUVEIA VIEIRA, e de um técnico em pesquisa social, GERALDO TARGINO DA FONSECA, procurou trazer uma resposta a estas perguntas, entrando no mundo diferente das favelas.

As favelas do Rio de Janeiro constituem um submundo imenso. Para estudá-las foi necessário recorrer ao método da amostragem, escolhendo-se duas favelas, uma na zona norte, outra da zona sul.

Os pesquisadores não subiram o morro despreparados. Foram munidos de um instrumento de análise, um questionário cuidadosamente preparado, e previamente testado. Convidaram alguns favelados para virem conversar com eles, na Pontifícia Universidade Católica, e manifestar suas opiniões sobre o questionário.

A favela da zona sul, a da Babilônia, compreendia uma população estimada em 8.000 habitantes. A Cachoeirinha, favela da zona norte, 3.000. Na impossibilidade de atingir a todos, procedeu-se aleatoriamente, de maneira a entrevistar um nú-

mero representativo de pessoas nas diversas zonas de cada favela.

Foram entrevistadas na Babilônia 223 pessoas, e na Cachoeirinha, 322. Uma impressão constante de todos os pesquisadores foi a cordialidade e simpatia com que os receberam em todos os barracos, com raríssimas exceções, apesar de ser um tanto penosa a entrevista e exigir aproximadamente uns 40 minutos.

## De que vivem os favelados?

Os favelados, em grande maioria, vivem do seu trabalho. A resposta pode parecer óbvia, mas não é óbvia para todos aqueles, e são muitos que estão convencidos de que a favela é habitada por malandros. Permitindo conhecer a estrutura profissional da população favelada, a pesquisa revela que esta convicção é um preconceito sem o menor fundamento objetivo.

Os dados obtidos indicam que, respectivamente na Babilônia e Cachoeirinha, têm ocupação remunerada 81,2% e 79,3% dos moradores; vivem de rendas, 2,1% e 2,4%; são aposentados pelo Instituto de Previdência Social de que foram contribuintes, 3,6% e 4,4%; estão de licença pelo Instituto 7,8% e 7,2%; não desempregados por falta de trabalho ou por doença, 5,1% e 5,7%.

Destes resultados pode-se concluir que, de cada 100 indivíduos, não chega a 6 o número de desempregados; que o total da população economicamente inativa não chega a 20% contra mais de 80% da população ativa.

Esta última distribui-se nas seguintes percentagens, segundo as diversas categorias ocupacionais: ocupação não manual, serviço de escritório, 6,9% na Babilônia, 2,2% na Cachoeirinha; ocupação manual especializada, 34,8% e 33,9%; ocupação manual não especializada, 35,3% e 34,3%; trabalhando por conta própria, em biscates, 23,4% e 29,6%.

Contrariando ainda uma opinião corrente, a pesquisa demonstrou que o favelado revela uma taxa razoavelmente elevada de estabilidade no emprego, como se pode depreender da tabela seguinte:

Número de vezes que mudou de emprego	Babilônia (%)	Cachoeirinha (%)	Porcentagem média
Nenhuma	52,7	53,8	53,3
1	17,4	15,8	16,6
2	10,4	8,7	9,4
3	5,5	8,7	7,3
4 — 5	7,0	7,2	7,1
6 — 8	3,0	1,9	1,9
9 ou mais	4,5	4,7	4,7

Dizendo que o favelado vive de seu trabalho, não se responde satisfatoriamente a pergunta: "De que vivem os favelados?"

1) O relatório com os resultados da pesquisa, numa exposição técnica, bem como todo o material de dados e cálculos estatísticos elaborados no computador eletrônico, encontram-se na Fundação Leão XIII. Esta entidade patrocinou a pesquisa, em articulação com a Secretaria de Serviços Sociais do Estado da Guanabara.

Importa ainda saber quanto ganham eles pelo trabalho que executam.

Coletando primeiramente os dados relativos ao salário individual, obtemos os resultados reproduzidos no quadro da página seguinte.

As quantias referentes à remuneração total por classe são obtidas multiplicando-se o ponto médio da classe de salário pela frequência absoluta para aquela classe. São, portanto, aproximações.



Deve-se ressaltar que o salário médio é um dado que não mostra a distribuição irregular dos salários. O quadro não demonstra, entretanto, que 53% dos salários na favela estão abaixo de Cr\$ 25.000 e mais de 31% dos moradores recebem salários inferiores ao salário-mínimo vigente na época.<sup>2</sup>

A Babilônia apresenta um salário médio mais elevado que o morro da Cachoeirinha; as maiores porcentagens acusadas nos salários, que vão de Cr\$ 25.000 a Cr\$ 50.000 elevam a média da Babilônia.

Para o total das favelas, o ponto moral, ou seja, onde o número de casas é mais elevado na distribuição, se situa na classe mais baixa (10-15.000), sendo que na Cachoeirinha o número de pessoas incluídas nessa classe é maior (29%) do que

na Babilônia (19%). Essa diferença pode ser explicada pela quantidade de pessoas que trabalham em biscates (têm baixa remuneração) e recebem salários de Cr\$ 10.000 a Cr\$ 15.000. Na Cachoeirinha, onde há mais biscateiros do que na Babilônia, 60% deles se situam nessa classe; na Babilônia essa porcentagem é de 58%.

Se atentarmos agora para o salário de família, compreendendo a remuneração total do chefe da família e demais agregados que moram no mesmo barraco, chegamos aos resultados do quadro que aparece na página seguinte.

Considerando a população da amostra como representativa da população favela-

da, concluímos que esta população tem uma renda média de Cr\$ 30.590,70 por família. Entretanto, observando a tabela citada, podemos concluir que 52% das famílias faveladas têm rendas inferiores à média, que é baixa, se levarmos em conta que o número médio de pessoas, por família, é 5, o que dá uma renda per capita mensal para esta população de Cr\$ 6.118, ou seja, uma renda per capita anual de Cr\$ 173.000.

O ponto modal, isto é, o que representa a mais alta frequência de salários, situa-se na classe de 20 a 25 mil cruzeiros, enquanto que a mediana é da ordem de Cr\$ 26.200, vale dizer, 50% dos casos encontram-se acima e 50% encontram-se abaixo deste valor.

Classes de salário (Cr\$)	B A B I L Ô N I A		C A C H O E I R I N H A		Número de casos (% média)
	Número de casos (%)	Remuneração total (Cr\$)	Número de casos (%)	Remuneração total (Cr\$)	
10.000,00 — 14.999,00	19,9	450.000,00	29,1	1.062.500,00	25,4
15.000,00 — 19.999,00	7,8	262.500,00	6,2	315.000,00	6,9
20.000,00 — 24.999,00	21,5	922.500,00	24,4	1.317.500,00	21,4
25.000,00 — 29.999,00	12,6	687.500,00	11,5	907.500,00	11,9
30.000,00 — 34.999,00	13,6	885.000,00	12,8	1.137.500,00	13,1
35.000,00 — 39.999,00	6,8	487.500,00	4,1	450.000,00	5,2
40.000,00 — 44.999,00	3,9	722.500,00	6,6	892.500,00	7,2
45.000,00 — 49.999,00	4,7	427.500,00	1,7	237.500,00	2,5
50.000,00 — e mais...	4,2	400.000,00	6,6	1.000.000,00	5,6

	Remuneração total	Salário médio
Babilônia . . . . .	Cr\$ 5.245.000,00	Cr\$ 28.658,00
Cachoeirinha . . . . .	Cr\$ 7.320.000,00	Cr\$ 26.780,00

### Como vivem os favelados?

A pergunta óbvia que ocorre agora é

saber como é possível distribuir esta renda tão baixa pelas necessidades normais de uma família.

Totalizando a distribuição do consumo em relação à renda familiar, para as duas favelas, obtemos a seguinte tabela:



Tipo de consumo	Consumo total (Cr\$)	% da renda	Consumo médio (Cr\$)
Alimentação . . . . .	9.337.500,00	64,3	16.699,30
Prestações de aparelhos elétricos	1.017.500,00	7	2.537,40
Transporte . . . . .	597.150,00	4,1	1.329,90
Fumo e bebida . . . . .	586.300,00	4	1.271,80
Medicamentos . . . . .	288.600,00	2	626,90
Luz elétrica . . . . .	248.350,00	1,7	724,10
RENDA . . . . .	12.075.400,00	83,1	23.188,50

Renda (Cr\$)	Consumo parcial (Cr\$)	Outros gastos (Cr\$)
14.500.000,00	12.075.400,00	2.424.600,00
100%	83%	17%

Os 17% restantes não podem ser considerados como poupança, uma vez que existem outros gastos além dos citados que não foram incluídos no consumo. Além disso, os dados obtidos para transporte, fumo e bebida podem ser mais elevados,

pois se referem possivelmente em grande parte, às despesas do informante, e não da família.

<sup>2</sup> A pesquisa foi realizada antes da decretação dos novos níveis de salário-mínimo.

Acreditamos que, em média, não exista poupança, dado o baixo nível de renda dessa população. Nos níveis de renda mais baixa, a poupança poderá ser mesmo negativa. Já nos níveis mais altos, em alguns casos, é provável que exista uma pequena

percentagem de poupança. Sabemos que a Caixa Econômica possui depósitos de membros da classe baixa.

A elevada percentagem de gastos em alimentação é característica dos baixos

níveis de renda, de acordo com a lei de ENGEL, segundo a qual quanto mais alto é o nível da renda, menores são proporcionalmente os gastos em alimentação, dirigindo-se a renda para a satisfação de outras necessidades.

Classes de salário (Cr\$)	B A B I L Õ N I A		C A C H O E I R I N H A		Número de casos (% média)
	Número de casos (%)	Remuneração total (Cr\$)	Número de casos (%)	Remuneração total (Cr\$)	
10.000,00 — 14.999,00	10,9	262.500,00	19,0	687.500,00	15,3
15.000,00 — 19.999,00	6,8	227.500,00	6,9	350.000,00	6,4
20.000,00 — 24.999,00	17,2	742.500,00	18,3	1.192.500,00	17,9
25.000,00 — 29.999,00	11,4	605.000,00	12,4	990.000,00	12
30.000,00 — 34.999,00	13,5	845.000,00	13,1	1.235.000,00	13,7
35.000,00 — 39.999,00	7,3	515.000,00	4,8	525.000,00	5,8
40.000,00 — 44.999,00	14,5	1.190.000,00	8,9	1.105.000,00	11,3
45.000,00 — 49.999,00	5,2	475.000,00	4,4	617.500,00	4,7
50.000,00 — e mais...	13,0	1.200.000,00	11,8	1.700.000,00	12,1

	Renda bruta total	Renda média
Babilônia . . . . .	Cr\$ 6.062.500,00	Cr\$ 31.740,80
Cachoeirinha . . . . .	Cr\$ 8.402.500,00	Cr\$ 29.074,40
Total aproximado . . . . .	Cr\$ 14.500.000,00	Cr\$ 30.590,70

Examinada a distribuição do consumo nas favelas, verifica-se que só é possível certo equilíbrio precário do orçamento familiar precisamente pela condição de favelado, que não é obrigado a uma grande despesa que tanto onera o orçamento familiar da classe média, a saber, a relativa a moradia. Alguma coisa é gasta neste item por aqueles que moram em barracos alugados, e é o que possivelmente absorve a maior parte dos 17% da renda total. Mas não chegam a ser despesas tão altas como as que figuram nos orçamentos da classe média, nos quais o aluguel ou o pagamento da moradia atinge a mais de 30% da renda total!

A maioria dos entrevistados, nas duas favelas, situa-se entre os 25 e os 50 anos aproximadamente 75%.

A maior parte desta população vive em situação normal do ponto de vista de seu estado civil. Na Babilônia, excluindo-se os 3,3% de solteiros e os 11,2% de viúvos,

60,4% são casados, contra 16,1% de amasiados e apenas 3% de separados. Na Cachoeirinha a situação é menos lisonjeira: 41,8% de casados contra 28% de amasiados e 4,7% de separados, sendo os demais solteiros ou viúvos. Nenhum dos entrevistados nas duas favelas declarou-se desquitado.

Como se observa, o número de casamentos é maior na Babilônia, que na Cachoeirinha, o inverso acontecendo em relação às ligações irregulares. Esta segunda constatação é duplamente significativa se levarmos em conta que o número total de casamentos e ligações irregulares é bem maior na Babilônia. Acreditamos que o fenômeno se prenda entre outros fatores, às condições materiais superiores nesta favela.

Dos entrevistados, na Babilônia, 19,5% não têm filhos. Os que os têm, assim se distribuem: 27,3% têm 1 ou 2 filhos; 26,3%, 3 ou 4; 16,1%, 5 ou 6; 7,8%, 7 ou 8; 2%, 9 e 10; 0,5% têm 11 filhos, ou mais.

Na Cachoeirinha, apenas 8,4% não têm filhos, e os que os têm se distribuem da seguinte maneira: 38,7% têm 1 ou 2 filhos; 25,7%, 3 ou 4; 16,7%, 5 ou 6; 6,7%, 7 ou 8; 2,3%, 9 ou 10; 1,3%, 11 filhos ou mais. É interessante notar que, embora o número de solteiros na Babilônia seja menor que na Cachoeirinha, o número de entrevistados que declarou não ter filhos é mais de duas vezes maior na Babilônia. Tem-se presente que esta favela é bem mais antiga, isto é, composta de pessoas

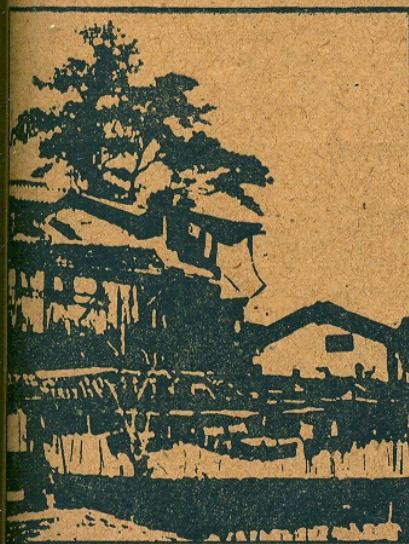


que há mais tempo deixaram seu contexto nativo, geralmente rural, o fato parece vugerir a influência das condições e valores citadinos sobre a estrutura da família.

Quem não vive em favela dificilmente se pode dar conta de como se acomoda dentro de um barraco uma família com filhos.

A distribuição dos barracos, segundo o número de cômodos, é a seguinte:

Número de cômodos do barraco (%)	Babilônia	Cachoeirinha
Um cômodo . . . . .	11,7	14,0
Dois cômodos . . . . .	21,0	28,4
Três cômodos . . . . .	28,0	29,7
Quatro cômodos . . . . .	25,8	14,4
Cinco cômodos . . . . .	11,2	7,4
Seis cômodos e mais . . . . .	1,5	5,7





Dentro destas limitações, 37% das crianças de sexo diferente dormem em cômodos separados na Babilônia; 12% dormem no mesmo cômodo e 30% dormem no mesmo cômodo que os pais. Os mesmos dados para a Cachoeirinha são, respectivamente: 21,1%; 12,7% e 40,8%.

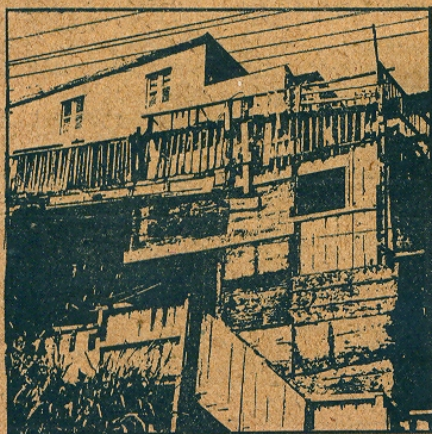
Estes dados revelam que, dentro das condições gerais, as condições da Babilônia, favela da zona sul, são sensivelmente menos miseráveis. Para se completar este quadro de miséria e desconforto, é preciso saber que na Babilônia apenas 1% tem bica no barraco, contra 7,8% na Cachoeirinha; 40,7% e 87,2%, respectivamente, têm bica fora do barraco, e para 58,2% da Babilônia, a bica é fora da favela, cifra que na Cachoeirinha se reduz a 5%.

Como é que esta população prepara os alimentos? Na Babilônia, 7,3% usam lenha ou carvão, para 16,7% na Cachoeirinha; utilizam fogão a óleo ou querosene, 22,4% na primeira favela e 35,1% na segunda; predomina, porém, o fogão a gás: 67,7% e 43,1%.

A razão está, possivelmente, na facilidade de utilização de bujões. Menos de 1% usa fogão elétrico.

Um dado curioso é que, em grande maioria, os entrevistados são proprietários do barraco em que vivem: mais de 80% na Babilônia e quase 70% na Cachoeirinha.

Quanto à instrução: nas duas favelas, uma média de 40% dos entrevistados, portanto adultos, não sabe ler nem escrever. É uma percentagem nacional. Na Babilônia, 19% são apenas alfabetizados, contra 24,4% na Cachoeirinha. Além de alfabetizados, 26,8% na Babilônia ainda



começaram o primário, mas só 12,7% o terminaram. Como se vê, é impressionante a percentagem das desistências. As cifras para a Cachoeirinha, favela mais recente, são de apenas 17,4% e 13%. Na Babilônia 3% começaram o secundário, e apenas 0,5% o puderam acabar. Na Cachoeirinha, 1,7% e 0,3%, respectivamente.

Se examinarmos a condição escolar dos filhos dos entrevistados observamos que, nas duas favelas, entre aqueles que têm filhos, 14% os mantêm todos na escola; uma média de 30% não tem todos os filhos na escola, enquanto que na Babilônia 36,4% e na Cachoeirinha 41,8% não mandam nenhum filho à escola. Estas duas últimas cifras revelam que enorme tarefa tem ainda a realizar o esforço da Secretaria de Educação do Estado da Guanabara.

Como é que se divertem ou se distraem os favelados? Para a grande maioria dos entrevistados, as duas grandes distrações são ouvir rádio (Babilônia, 37%; Cachoeirinha, 32%) e ir a um parque de diversões com as crianças (Babilônia, 33%; Cachoeirinha 27%). Outras formas de distrações ocupam também os lazes dos favelados, mas em percentagens muito menores: ir ao bar, 6%, ler jornal, Babilônia, 10%, Cachoeirinha, 5%; jogar cartas em casa, 5%.

Como vemos, são as condições materiais de vida, no caso das populações faveladas, que vegetam em precária situação, o grande determinante de suas manifestações no nível não apenas da vida individual, mas também na do social e do cultural. E esse fenômeno se observa não só em relação à população favelada como um todo, mas também nas diferenças que surgem em seu próprio seio. Assim, é extraordinária a forma pela qual as condições materiais inferiores na Cachoeirinha determinam formas de convivência social mais precárias que na Babilônia. Para citar apenas dois dos aspectos mais significativos que verificamos, nesta parte do trabalho, não nos esqueçamos do maior número de ligações irregulares e menor número de casamentos na Cachoeirinha em relação à Babilônia, e as condições mais precárias em que dormem as crianças na favela da zona norte — em geral, no mesmo quarto que os pais, com evidentes prejuízos para elas, ao passo que na Babilônia o mais comum é terem quartos distintos, inclusive com separação de sexos.

Não nos esqueçamos, ainda, de que em ambas as favelas o casamento está relacionado a condições materiais superiores às do amasiamento. Trata-se, portanto, antes de mais nada, de um problema de ordem econômica. Isto não significa, evidentemente, que menosprezemos os aspectos sociais da questão; pelo contrário. Significa apenas que reconhecemos a interdependência do econômico com o social, e julgamos inútil qualquer ação que se verificasse exclusivamente no social, e tentasse impor, de fora para dentro, normas e condutas que lhes são estranhas, e que absolutamente não se coadunam com suas condições de vida atuais.

E é importante saber que, para a grande maioria dos favelados, esta vida condicionada por precária situação econômica e social dura há muitos anos. Na Babilônia, 64% dos entrevistados moram em favela há mais de dez anos; na Cachoeirinha, 68%. Na Babilônia, 29%, e na Ca-



choeirinha 41% vivem a mesma vida de favela, esperando uma solução, há mais de vinte anos.

Que pensam e que desejam os favelados?

Seria extremamente difícil uma sondagem da opinião dos favelados relativamente a temas que representam interesses maiores para os que não moram em favelas. Claro, valeria a pena saber o que pensam os favelados sobre política, arte, religião, ideologia, etc. Tal sondagem, porém, além de exigir questionários extremamente longos, criaria uma dificuldade maior no controle da veracidade das respostas. Na pesquisa que ora resumimos procurou-se sondar as idéias dos favelados mais relacionados a um projeto de integração na vida normal da cidade, um projeto de desmarginalização.

No tocante à profissão, mais de 90% dos entrevistados julgam muito importante ter uma profissão especializada. Tem consciência de que esta é uma garantia contra o desemprego, que constitui grande preocupação para 76% na Babilônia e 88% na Cachoeirinha. E na especialização, por outro lado, que eles vêem, para os filhos, a grande possibilidade de um dia poderem sair da favela. Com efeito apenas 13% nas duas favelas não creem nesta possibilidade para os filhos, enquanto que todos os demais depositam suas esperanças para os filhos na oportunidade de se especializarem.

Apesar das condições em que vivem os favelados, é impressionante o temor que têm de perder o barraco, porque o barraco, símbolo sinistro de sua condição, é o





fator que lhes permite manter o equilíbrio precário de sua existência. Há os que temem muito perder o barraco, os que temem pouco e os que nada temem: as percentagens das respostas obtidas variam inversamente nas duas favelas. Na Babilônia, 54% temem muito, 17% temem pouco e 29% não temem nada; na Cachoeirinha, as percentagens extremas invertem-se, precisamente por força de maior número de proprietários na Babilônia. O temor desaparece quando o favelado tem a garantia de que deixar o barraco não importará o aumento de gastos de aluguel, transporte, etc. Na Cachoeirinha, 88% das pessoas dizem que estão muito satisfeitas na favela; na Babilônia 53% afirmam o mesmo. O grau de satisfação (resposta a uma pergunta: "O Senhor está muito insatisfeito na favela?") foi o seguinte: 22% na Cachoeirinha e apenas 15% na Babilônia.

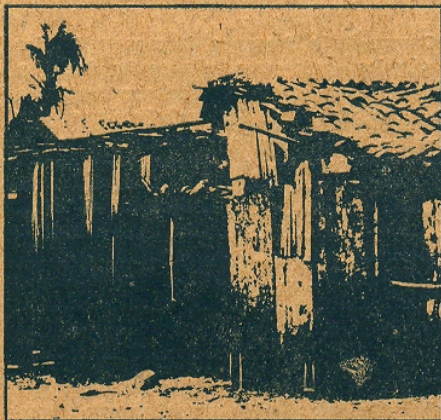
Verificamos, igualmente, a relação entre insatisfação e tempo de moradia na favela e notamos que, em ambas as favelas, com o aumento de duração da moradia, aumenta o grau de satisfação. O maior número de insatisfeitos encontra-se entre os que vieram recentemente para a favela. Isto exprime uma adaptação ao nível de vida, ou uma descoberta paulatina de algumas vantagens, tais como proximidade de trabalho, baixo aluguel de casa. Frequentemente a favela permite o estabelecimento de relações sociais que se assemelham um pouco ao ambiente de origem dos favelados. Representa como que uma proteção contra o ambiente urbano hostil. Talvez seja conveniente acentuar que este grau de satisfação reflete igualmente o desejo de permanência local; ao responder que está muito satisfeito na favela, o interrogado não está manifestando aceitação de todas as circunstâncias de vida que aí se lhe deparam, mas é um meio de afirmar uma intenção de não mudança. Acentuemos que o favelado possui, como já foi assinalado, condições melhores em relação a aluguel e transporte do que o habitante dos subúrbios da zona norte.

Passando diretamente a alguns índices de desorganização social, procuramos verificar como os habitantes da favela apreendem alguns fenômenos de comportamento aberrante e pensamos haver nas comunidades que habitam um índice maior de desorganização social do que em outros lugares. Nossa preocupação não foi a de

estabelecer índices quantitativos da delinquência na favela, mas verificar a consciência da comunidade em relação a certos tipos de comportamento delinquentes. Devemos, mais uma vez, ressaltar que em geral os habitantes buscam apresentar a própria comunidade sob um aspecto favorável; este esforço revela, porém, nível de aspiração.

Vejamos, por exemplo, o caso do jogo na favela da Babilônia: 74% pensam que há mais jogo na favela do que fora dela, 18% pensam que não existe diferença entre favela e outros lugares e, finalmente, 8% pensam que se joga mais fora da favela. Portanto, há uma consciência acentuada de que o jogo predomina nos ambientes de favela. Na favela da Cachoeirinha, o resultado foi bem diferente: apenas 44% pensam que há mais jogo na favela, 33% pensam que o índice de jogo é igual dentro e fora da favela e, finalmente, 23% pensam que se joga menos na favela.

De todos os fenômenos de desorganização social analisados, o do jogo foi aquele de que os favelados tinham maior consciência da existência na favela. Como veremos a seguir, na medida em que aumenta a intensidade do delito, existe mais



forte tendência a negar sua existência na favela. Talvez esta seja também uma medida defensiva individual e social.

Quanto ao amasiamento, em ambas as favelas, aproximadamente a metade dos que responderam (50% na Babilônia e 47% na Cachoeirinha) pensam que não há diferença entre as favelas e outros lugares. Na Cachoeirinha, 46% pensam que existem mais pessoas amasiadas na favela do que fora dela, ao passo que na Babilônia apenas 25% assim julgam.

Verificamos, igualmente, a apreciação dos favelados a respeito de hábitos de bebida e de crimes (entendidos no sentido de homicídio e roubos).

Quanto à bebida, eis as percentagens da favela da Babilônia: 47% pensam que se bebe menos na favela do que fora dela; 40% pensam que a situação é idêntica nas favelas e em outros lugares e 13% afirmam que se bebe mais na favela. Na favela da Cachoeirinha, os resultados foram diversos, sempre mantendo, porém, pequena frequência no tocante ao reconhecimento de que se bebe mais na favela do que fora dela. Assim, 18% pensam que "há mais pessoas que bebem nesta favela do que fora desta favela"; 65% declaram

que "há pessoas que bebem dentro e fora da favela do mesmo modo", e, finalmente, 17% dizem que "nesta favela há menos pessoas que bebem do que fora da favela".

Quanto aos crimes, na Babilônia apenas 3% declaram que há mais crimes na favela do que fora dela; na Cachoeirinha, 19%. Na Babilônia, 84% dizem que há mais crimes fora da favela e na Cachoeirinha, 49%. Reconhecem igualdade de condições em relação aos crimes nas favelas e noutros lugares, 13% na Babilônia e 42% na Cachoeirinha.

Queremos ressaltar o fato de que forte percentagem pensa que o índice de desorganização social nas favelas é mais fraco do que em outros lugares, melhor diríamos, declaram isto.

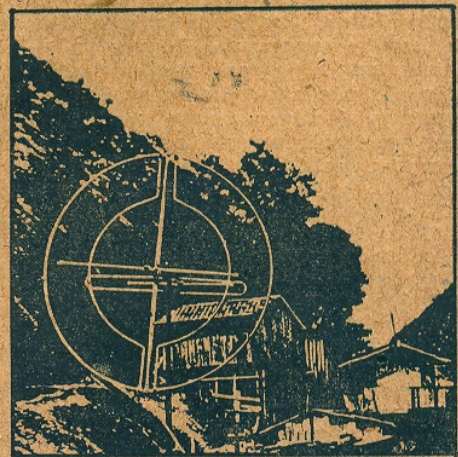
O último aspecto analisado foi o referente ao roubo; os dados obtidos são sensivelmente os mesmos.

Nunca será demasiado insistir num fato que tem sido comprovado por diversas pesquisas feitas em favelas: não são elas constituídas por uma população de marginais, de "fora-da-lei", mas sim por pessoas que estão em extremo grau de pobreza; isto se evidencia no esforço que fazem por se situar num terreno de ordem e reconhecimento das normas sociais. Não há situação de anomalia e rebeldia. Seria cabível reconhecer nas favelas, antes, fenômenos de desorganização social, causados por uma deficiente estrutura sócio-econômica e cultural, e muito menos fenômenos de comportamento individual aberrante. Isto evidencia que a solução dos fenômenos de desorganização social

das favelas deve fazer apelo não apenas a uma terapêutica individual, mas, igualmente, a um exame de interação dos diversos fatores institucionais, existentes nas favelas. Uma ação simultânea de educação, de elevação do nível cultural e moral da população favelada e, igualmente, de melhoria das condições de vida, poderá diminuir os índices de delinquência. Não há dúvida de que a população favelada valoriza de modo bem positivo um comportamento de acordo com as normas sociais vigentes.

Deseja o favelado cooperar com a própria comunidade, ou com alguma entidade pública ou privada, interessada em resolver o seu problema.

Uma constatação geral, antes de examinarmos alguns pormenores: são quase inexistentes as associações nas favelas;

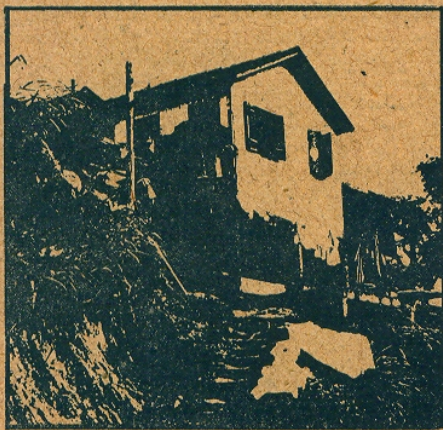


por outro lado, como a maioria da população ou vive em estado de subsistência econômica apenas, ou está marginalizada na vida econômica e social, compreende-se que pouco participe de certos tipos de atividade associativa. Este seria um dos setores em que o trabalho nas favelas poderia dar excelentes resultados: despertar na comunidade o interesse pelos seus próprios problemas e a vontade de solucioná-los, através de uma cooperação eficaz, sem a espera passiva de auxílio de

fora; fornecer para isso meios fundamentais, que possibilitassem esta integração das favelas nas comunidades regionais.

Procuramos verificar a existência de algum trabalho cooperativo através de uma pergunta que indagava se o habitante da favela já tinha trabalhado no próprio local em algum serviço de benefício público, como, por exemplo, instalação de água, construção de escola, posto de saúde, etc. Eis os resultados obtidos nas duas favelas:

	Babilônia	Cachoeirinha
Sempre tem trabalhado .....	27%	14%
Quase sempre tem trabalhado .....	13%	7%
Umaz vezes trabalha, outras não .....	14%	9%
Quase nunca tem trabalho .....	6%	6%
Nunca trabalhou .....	40%	64%



Vemos, portanto, a acentuada proporção dos que nunca trabalharam na favela em serviços de bem comum. Isto pode demonstrar, por um lado, o não aproveitamento dos próprios elementos da favela em tais serviços, talvez por ausência de mão-de-obra qualificada, ou, por outro, desinteresse dos próprios favelados.

Comparando-se esta resposta com outras sobre a cooperação, talvez se possa asseverar que ainda não existe suficiente motivação entre os favelados para tipos de trabalho cooperativo. Falamos de suficiente motivação, pois não existem na própria favela atividades econômicas que possam integrar sua população; por outro lado, uma série de atividades sociais e recreativas se desenvolve fora das favelas. Todo esforço para estimular o espírito comunitário nas favelas deve ser dirigido no sentido de oferecer motivos e ações concretas para isto.

Tentou-se verificar, igualmente, a disposição dos favelados de oferecer uma parcela de tempo de trabalho, sem remuneração, a algum serviço em prol da comunidade. Também aqui os resultados não foram positivos. Na favela da Babilônia, 75% declararam que não trabalhariam nem um dia em tais obras, ou ape-

nas duas horas por dia; na favela da Cachoeirinha, a proporção baixou para 61%.

Cumpre não forçar a interpretação dos resultados, pois esta não-aquiescência a um trabalho gratuito pode ser resultado da ocupação total dos trabalhadores, que dispõem de pouco tempo livre. Existe, por outro lado, certa mão-de-obra ociosa na favela, o que demonstra como se torna urgente despertar um autêntico interesse comunitário; isto, para que a comunidade se disponha, na medida do possível, a resolver seus problemas com os próprios meios, sem esperar passivamente tudo de fora. Outras investigações realizadas em favelas demonstram que uma população que se habitua a tudo receber, sem que nela seja introduzido um elemento dinâmico próprio de desenvolvimento, torna-se extremamente individualista e marginal.

É mínimo o número dos favelados que pertencem a alguma associação. Em ambas as favelas não chegam a 5% os que são membros de algum clube esportivo. Quanto a associações de moradores, os resultados são mais favoráveis na Babilônia, onde 50% dos interrogados dizem pertencer a uma. Na Cachoeirinha, 84%



declaram não pertencer a nenhuma associação de moradores.

Em resumo, pode-se dizer que 2/3 dos interrogados não pertence a nenhuma associação. A deficiência decorre, talvez, da dificuldade em formar associações numa comunidade de nível econômico-social inferior. Além disso, há deficiência de liderança atual nas favelas.

Sintetizando um pouco as observações feitas nas duas favelas sobre desorganização social e cooperação, podemos dizer que a população conserva valores tradicionais, aprecia tais valores, mas não forma uma autêntica comunidade. É uma população flutuante, constituída por sensível percentagem de marginais, e que conserva, entretanto, excelentes potenciais para uma autêntica vida comunitária.

Será necessária, porém, rápida atuação a fim de impedir que esta população que hoje em dia, está desorganizada apenas parcialmente não se torne totalmente anômala em relação à sociedade global. A população da favela é constituída, em grande parte, por pessoas que foram socializadas em ambientes mais integrados social e economicamente. Traz consigo uma série de valores que ainda se vão mantendo no novo ambiente. A mudança ecológica, porém, acarreta um fenômeno de adaptação e de transformação em outras instituições sociais. Em outros termos: ao mudar de local de residência, o ex-rurícola adquirirá novas formas de tra-

balho e relações sociais e isto irá necessariamente afetar seus valores e atitudes. Tais valores, como já assinalamos, não mudam tão rapidamente, mas, continuando a vigorar certos condicionamentos socio-econômicos, eles irão influenciar as novas gerações, que serão socializadas de modo diverso. Caso não haja um esforço pela integração econômica e social da favelas na comunidade regional, elas poderão transformar-se não apenas num setor demasiado pobre da população do Estado, mas, igualmente, no setor onde a desorganização social atinge o seu ápice.

(Transcrito do n.º 21 — Jan.-Março, 1974 de Síntese Política Econômica Social)